

Brasília dorme cedo. A Nova República esvaziou os bares

21 JUL 1985

BRASÍLIA — Na capital, a boemia não é mais a mesma. A vida noturna perdeu o brilho que ostentava sob a Velha República, quando bares e restaurantes, freqüentados por personalidades, chegaram a se constituir em pontos de atração turística.

“Eu não vou a esse restaurante porque ele é o centro da moda. Fazem dele o que os sultistas fizeram com Maceió: uma coqueluche do modismo”. Assim Tancredo Neves rejeitava os convites para jantar no chamado “Restaurante do PMDB”. Mas nem o Doutor Tancredo resistiu ao modismo e acabou sendo responsável por mais dois deles, os dos restaurantes do Teatro Nacional e do Hotel Nacional — locais que se sentiu obrigado a freqüentar para costurar a Aliança Democrática.

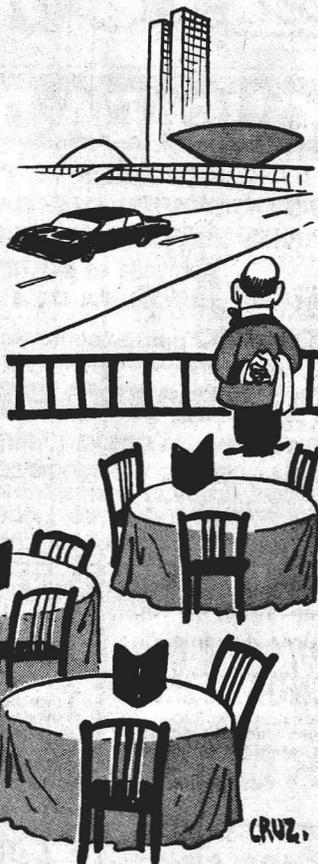
Atualmente, com o Congresso em recesso, o vazio da vida noturna da cidade torna-se mais evidente, embora ele tenha sido constante também nos primeiros meses da Nova República.

O Secretário-Geral do Ministério da Administração, o ex-Deputado Miro Teixeira, foi um dos primeiros a observar o fenômeno. Comedido freqüentador das noites brasilienses, Miro constata:

— Antes era comum a gente se encontrar pelas noites com o Deputado Ulysses Guimarães, Renato Archer, Pedro Simon e Pacheco Chaves. Atualmente, talvez mais ocupados com as novas funções, o grupo não costuma sequer freqüentar restaurantes.

O proprietário de um restaurante de Brasília, que até bem pouco tempo, orgulhava-se de ter o Deputado Ulysses Guimarães como seu cliente “número um”, lamenta:

— A mesa do Doutor Ulysses continua, diariamente, reser-



vada. Só que ele nunca mais apareceu aqui e nem se tem notícias de que ele ande freqüentando outras paradas”.

No caso de Ulysses, ele próprio admite que a mudança definitiva para Brasília, imposta pela sua condição de Presidente da Câmara, mudou também seu ritmo de vida. Sua mulher, dona Mora, não gosta que ele saia de casa todas as noites — pelo menos é o que reclama Renato Archer, parceiro do Presidente da Câmara.

Mas não são apenas os que têm participação direta na Nova República que desapareceram das noites de Brasília. Thales Ramalho e Nelson Marchezan, por exemplo, não são vistos com a mesma assiduidade anterior.

Os chamados “notáveis” da Velha e Nova Repúblicas pa-

recem ter cedido lugares aos assessores diretos da administração federal. Entre eles, não se incluem os Ministros de Estado, com exceção de Fernando Lyra, da Justiça, que ainda freqüenta os restaurantes da cidade.

Há quem admita também que a rota foi alterada. A antes fechadíssima residência oficial do Governo do Distrito Federal, em Águas Claras, passou a ser ponto de referência obrigatório das principais personalidades que residem ou transitam pela cidade. O anfitrião José Aparecido de Oliveira, não raramente, privilegia seus convidados — e até hóspedes — com a presença do Presidente José Sarney. Há três semanas, por exemplo, como prêmio ao pessoal da Secretaria de Segurança que conseguiu desbaratar o caso do assassinato do jornalista Mário Eugênio, Aparecido colocou na mesma mesa Sarney e os Delegados da Polícia Civil. Nesta semana, foi a vez dos Governadores, que, após terem se reunido durante quase todo o dia com o Presidente, tiveram ainda o prazer de jantar com Sarney em Águas Claras.

— Antes, bastava a gente ligar para os donos de restaurantes e eles davam a lista de seus clientes. Agora, para acompanharmos as noites de Brasília, temos de ficar de plantão em Águas Claras — informa um conhecido colunista social da cidade.

Brasília, na antológica definição de Ulysses Guimarães, “sempre foi um escritório e ninguém gosta de dormir no escritório”. Mas, o próprio autor da frase já não a endossa mais. A fixação de residência na capital pelas personalidades políticas torna hoje Brasília uma cidade tão comum como as outras. Por isso não existe mais o mito de que em Brasília as pessoas tropeçam com as toridades. Elas saíram de circulação.